FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE – FPS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ANA CAROLINE MAGALHÃES NOGUEIRA
BRUNA MARYA BRAGA VIEIRA

CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE PRIMEIROS SOCORROS NO AMBIENTE ESCOLAR: REVISÃO DE ESCOPO

Recife
2026

ANA CAROLINE MAGALHÃES NOGUEIRA
BRUNA MARYA BRAGA VIEIRA

CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE PRIMEIROS SOCORROS NO AMBIENTE ESCOLAR: REVISÃO DE ESCOPO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Pernambucana de Saúde, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Linha de pesquisa: Educação em saúde e qualificação em atendimentos de urgências e emergências.

Estudantes autoras: Ana Caroline Magalhães Nogueira
Bruna Marya Braga Vieira

Orientadora: Professora Eliana Valentim da Silva

Recife
2026

Equipe de pesquisa:

Ana Caroline Magalhães Nogueira

Discente do 10° período do curso de Enfermagem da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Bruna Marya Braga Vieira

Discente do 10° período do curso de Enfermagem da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Orientadora:

Eliana Valentim da Silva

Enfermeira e Docente IMIP|FPS

RESUMO

Os primeiros socorros no ambiente escolar são fundamentais para o reconhecimento e a resposta inicial diante de acidentes e intercorrências de saúde envolvendo crianças e adolescentes, especialmente porque professores e demais trabalhadores podem estar entre as primeiras pessoas presentes nessas situações. Este estudo teve como objetivo mapear as evidências científicas disponíveis sobre o nível de conhecimento dos profissionais da educação acerca de primeiros socorros no ambiente escolar. Trata-se de uma revisão de escopo conduzida conforme as recomendações do Joanna Briggs Institute e apresentada segundo o PRISMA-ScR. A questão de pesquisa foi estruturada pela estratégia PCC, considerando profissionais da educação como população, conhecimento sobre primeiros socorros como conceito e ambiente escolar da Educação Básica como contexto. Foram realizadas buscas em bases nacionais e internacionais, considerando estudos primários publicados entre 2020 e 2026, em português, inglês e espanhol. Após o processo de identificação, triagem e elegibilidade, sete estudos compuseram a revisão. Os resultados evidenciaram níveis heterogêneos de conhecimento, com fragilidades relacionadas a determinadas emergências, insegurança para agir e diferenças de desempenho conforme a capacitação prévia. Estudos com profissionais previamente treinados ou submetidos a intervenções educativas apresentaram resultados mais favoráveis, indicando melhora do conhecimento e retenção dos conteúdos após a capacitação. Conclui-se que persistem lacunas no conhecimento dos profissionais da educação sobre primeiros socorros, reforçando a necessidade de capacitações periódicas, preferencialmente teórico-práticas. A Enfermagem destaca-se nesse contexto por sua contribuição na educação em saúde, no planejamento de treinamentos e no fortalecimento da segurança no ambiente escolar.

Palavras-chave: primeiros socorros; professores; escolas; conhecimento; enfermagem.

ABSTRACT

First aid in the school environment is essential for the early recognition and initial response to accidents and health emergencies involving children and adolescents, especially because teachers and other school staff may be among the first people present in these situations. This study aimed to map the available scientific evidence on the level of knowledge of education professionals regarding first aid in the school environment. This is a scoping review conducted according to the Joanna Briggs Institute recommendations and reported in accordance with PRISMA-ScR. The research question was structured using the PCC framework, considering education professionals as the population, knowledge of first aid as the concept, and the basic education school environment as the context. Searches were conducted in national and international databases, considering primary studies published between 2020 and 2026 in Portuguese, English, and Spanish. After the identification, screening, and eligibility process, seven studies were included in the review. The results showed heterogeneous levels of knowledge, with gaps related to specific emergencies, insecurity when providing assistance, and differences in performance according to previous training. Studies involving previously trained professionals or educational interventions showed more favorable outcomes, indicating improved knowledge and retention of content after training. It is concluded that gaps remain in education professionals' knowledge of first aid, reinforcing the need for periodic training, preferably combining theoretical and practical approaches. Nursing plays an important role in this context through health education, training planning, and the promotion of safety in the school environment.

Keywords: first aid; teachers; schools; knowledge; nursing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

2 OBJETIVOS 9

2.1 OBJETIVO GERAL 9

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 9

3 REFERENCIAL TEÓRICO 9

4 METODOLOGIA 13

5 RESULTADOS 16

6 DISCUSSÃO 20

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 25

REFERÊNCIAS **27**

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é um espaço de convivência e aprendizagem no qual crianças e adolescentes permanecem diariamente por longos períodos. Nesse contexto, podem ocorrer acidentes e alterações súbitas de saúde, como engasgos, desmaios, crises convulsivas, quedas, traumatismos, hemorragias, queimaduras, fraturas, reações alérgicas e, em situações mais graves, parada cardiorrespiratória. Diante dessas ocorrências, o reconhecimento precoce da situação e a adoção de medidas iniciais adequadas são importantes para reduzir riscos e favorecer a segurança dos estudantes.

Os primeiros socorros correspondem aos cuidados iniciais prestados diante de uma doença ou lesão aguda até que seja possível obter atendimento especializado. Essas ações envolvem reconhecer a necessidade de assistência, avaliar a situação, utilizar conhecimentos compatíveis com o nível de treinamento e buscar auxílio profissional quando necessário. Também é fundamental preservar a segurança da vítima e de quem presta o atendimento, reconhecendo os próprios limites durante a assistência.[1] Em emergências pediátricas, conhecimentos relacionados à obstrução das vias aéreas, à parada cardiorrespiratória e à reanimação cardiopulmonar assumem especial relevância.[2]

No ambiente escolar, professores, gestores, auxiliares e demais funcionários podem estar entre as primeiras pessoas presentes quando um estudante sofre um acidente ou apresenta uma intercorrência de saúde. Entretanto, a proximidade com os alunos não significa necessariamente preparo adequado para agir. Em uma pesquisa realizada em 2021, ao avaliarem 346 professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, identificaram que apenas 41,1% apresentavam bom conhecimento sobre primeiros socorros, embora 64,8% demonstrassem atitude favorável em relação ao tema.[3] No Brasil, também identificaram fragilidades no conhecimento, insegurança e receio entre professores diante de situações que poderiam exigir atendimento inicial.[4]

O nível de conhecimento pode ainda variar conforme o tipo de emergência e a experiência prévia dos profissionais. Em estudo com 1.060 profissionais escolares, encontraram maior conhecimento relacionado ao engasgo e menor desempenho nas questões referentes às convulsões. Além disso, somente 33,4% dos participantes haviam recebido treinamento anterior em primeiros socorros, enquanto 85,5% afirmaram necessitar de maior educação sobre o tema.[5]

A importância dos treinamentos também é evidenciada por estudos de intervenção. Em pesquisa com 45 professores de quatro instituições de Educação Infantil, observaram aumento significativo do conhecimento após uma ação educativa sobre primeiros socorros, com acréscimo de 5,17 pontos entre as avaliações realizadas antes e depois da intervenção.[6] Em outro estudo, ao avaliarem 50 professores e 22 funcionários previamente capacitados, encontraram média de 87,4% de respostas corretas e elevada retenção do conhecimento aproximadamente um ano após o treinamento.[7]

No Brasil, essa necessidade também possui respaldo legal. A Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018, conhecida como Lei Lucas, tornou obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos públicos e privados de Educação Básica e de recreação infantil. A legislação prevê a preparação dos profissionais para identificar situações de urgência e emergência, prestar auxílio inicial e buscar atendimento especializado quando necessário, além de estabelecer a realização periódica de capacitações e reciclagens.[8]

Nesse cenário, a Enfermagem apresenta importante contribuição por meio da educação em saúde. O enfermeiro pode participar do planejamento e desenvolvimento de capacitações, orientações, demonstrações e simulações direcionadas à comunidade escolar, contribuindo para o reconhecimento de emergências, a prevenção de condutas inadequadas e o fortalecimento da segurança no ambiente educacional. Em um comparativo é destacada a relevância das ações educativas e da atuação da enfermagem na preparação de professores e funcionários para situações que exigem primeiros socorros. [6, 9]

Apesar da existência de legislação específica e de evidências favoráveis à capacitação, os estudos apresentam resultados distintos quanto ao nível de conhecimento dos profissionais da educação. Há diferenças relacionadas às categorias profissionais avaliadas, aos contextos escolares, aos instrumentos utilizados e às experiências anteriores de treinamento, que influenciam nos resultados da pesquisa. Em revisão sistemática com 15 estudos e 7.266 professores, identificou predominantemente conhecimento inadequado sobre emergências relacionadas à saúde, embora atitudes positivas e interesse em receber treinamento fossem frequentes.[10]

Diante disso, esta revisão de escopo busca identificar e sistematizar a produção científica relacionada ao conhecimento dos profissionais da educação sobre primeiros socorros no ambiente escolar, considerando os grupos investigados, os métodos de avaliação utilizados, as principais situações analisadas, os fatores associados ao conhecimento e as

necessidades de capacitação. Assim, o estudo será orientado pela seguinte questão de pesquisa: O que a literatura científica evidencia sobre o nível de conhecimento dos profissionais da educação em primeiros socorros no ambiente escolar?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Mapear as evidências científicas disponíveis sobre o nível de conhecimento dos profissionais da educação acerca de primeiros socorros no ambiente escolar.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os tipos de profissionais da educação avaliados nos estudos sobre primeiros socorros no ambiente escolar;
- Caracterizar os métodos e instrumentos utilizados para avaliar o conhecimento dos profissionais da educação sobre primeiros socorros;
- Identificar os conhecimentos apresentados pelos profissionais da educação acerca das principais situações de primeiros socorros que podem ocorrer no ambiente escolar;
- Verificar os fatores relacionados a maiores ou menores níveis de conhecimento sobre primeiros socorros entre os profissionais da educação, quando apresentados pelos estudos;
- Identificar as principais lacunas de conhecimento e as necessidades de capacitação em primeiros socorros evidenciadas na literatura científica

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os primeiros socorros compreendem um conjunto de intervenções iniciais realizadas diante de situações de doença súbita, lesões ou agravos à saúde, com a finalidade de preservar a vida, evitar o agravamento do quadro e proporcionar assistência à vítima até que esta possa receber atendimento especializado. Essas intervenções não se restringem à execução de procedimentos, mas envolvem a capacidade de identificar uma situação de emergência, avaliar suas condições e reconhecer quais medidas podem ser realizadas de acordo com o

conhecimento e o nível de treinamento do socorrista. Nesse contexto, a atuação deve ocorrer de forma segura e responsável, considerando tanto as necessidades da vítima quanto os limites de quem presta o auxílio, além da necessidade de acionar suporte profissional sempre que a situação exigir.[3]

A abordagem inicial torna-se particularmente relevante em situações que podem comprometer rapidamente funções vitais, nas quais o reconhecimento precoce e a adoção de medidas adequadas podem contribuir para a manutenção da segurança e para a redução de possíveis complicações. No atendimento às emergências pediátricas, essa atenção assume características específicas, uma vez que eventos como obstrução das vias aéreas, parada cardiorrespiratória e outras condições agudas demandam reconhecimento rápido e condutas apropriadas. Dessa forma, o conhecimento acerca dos primeiros socorros constitui um importante recurso para a resposta inicial a essas ocorrências, sobretudo em ambientes nos quais a presença imediata de profissionais especializados pode não estar disponível.[3]

No ambiente escolar, essa temática apresenta especial relevância, pois crianças e adolescentes permanecem diariamente em diferentes espaços da instituição e podem estar sujeitos a acidentes e intercorrências de saúde durante atividades pedagógicas, recreativas, esportivas e de alimentação. Professores e demais funcionários podem estar entre as primeiras pessoas presentes nessas situações, o que reforça a importância de conhecimentos básicos para reconhecer sinais de gravidade, solicitar auxílio e evitar condutas inadequadas. De acordo com a literatura, ao avaliarem professores e funcionários de escolas, evidenciam que a preparação para primeiros socorros envolve diferentes categorias profissionais presentes no cotidiano escolar.[7]

No contexto brasileiro, a preparação para o atendimento inicial de situações de urgência no ambiente escolar encontra respaldo na Lei nº 13.722/2018, conhecida como Lei Lucas, que estabelece a obrigatoriedade da capacitação em noções básicas de primeiros socorros para professores e funcionários de estabelecimentos públicos e privados de Educação Básica e de recreação infantil. A legislação determina que esses profissionais sejam preparados para reconhecer situações de urgência e emergência e realizar os cuidados iniciais necessários até a chegada do atendimento especializado, contemplando ainda a realização periódica das capacitações e de ações de reciclagem.[8]

A instituição dessa normativa representa um importante avanço na inserção dos primeiros socorros como parte das medidas de proteção no ambiente escolar, considerando que professores e demais funcionários podem estar presentes no momento inicial de uma

ocorrência. Nesse sentido, a capacitação não se limita à aquisição de conhecimentos teóricos, mas busca favorecer maior segurança para o reconhecimento de situações potencialmente graves e para a adoção de condutas iniciais adequadas, respeitando os limites de atuação do indivíduo até a assistência profissional.[8] Assim, a efetividade da Lei Lucas está relacionada não apenas à oferta da capacitação, mas também à sua continuidade e à preparação das instituições para responder a possíveis intercorrências no cotidiano escolar.

Diferentes situações podem exigir primeiros socorros no ambiente escolar, como obstrução das vias aéreas por corpo estranho, parada cardiorrespiratória, crises convulsivas, síncope, quedas, traumatismos, hemorragias, queimaduras, fraturas, intoxicações e reações alérgicas. Embora apresentem diferentes níveis de gravidade, essas intercorrências exigem reconhecimento adequado e tomada de decisão compatível com cada situação.[1]

Entre as ocorrências de maior relevância na população infantil está a obstrução das vias aéreas por corpo estranho. O reconhecimento precoce do engasgo e a adoção de medidas adequadas são fundamentais, sobretudo porque as recomendações variam conforme a idade da vítima. O suporte básico de vida pediátrico também contempla o reconhecimento da parada cardiorrespiratória, a realização da reanimação cardiopulmonar e o acionamento do serviço de emergência.[2]

Crises convulsivas, síncope, hemorragias, traumatismos e reações alérgicas também podem gerar insegurança entre pessoas sem treinamento. Nesses casos, conhecimentos adequados podem contribuir para proteger a vítima, evitar práticas incorretas e reconhecer a necessidade de atendimento especializado.[1]

O nível de conhecimento, entretanto, pode variar conforme o tipo de emergência. No estudo transversal, ao avaliarem 1.060 profissionais escolares, identificaram melhor desempenho em questões relacionadas ao engasgo e menor conhecimento sobre convulsões.[5] Esse resultado reforça que a preparação para primeiros socorros não deve ser considerada homogênea, pois diferentes situações exigem conhecimentos específicos.

Professores e demais funcionários escolares mantêm contato cotidiano com os estudantes e podem estar presentes quando ocorrem acidentes ou alterações súbitas de saúde. Por esse motivo, conhecimentos básicos sobre primeiros socorros são importantes para reconhecer emergências, solicitar ajuda e adotar medidas iniciais compatíveis com a capacitação recebida. A própria legislação brasileira reforça essa necessidade ao estabelecer a formação desses profissionais em noções básicas de primeiros socorros.[8]

O interesse em aprender, entretanto, aparece de forma recorrente. Observar-se que, apesar das limitações no conhecimento, a maioria dos professores reconhecia a importância dos primeiros socorros e demonstrava interesse em capacitação.[11] De forma semelhante, com 15 estudos e 7.266 professores, foi identificado de forma sistemática, predominantemente conhecimento inadequado, acompanhado de atitudes positivas e disposição para participar de treinamentos. [10]

A capacitação prévia constitui um dos fatores mais relevantes associados ao conhecimento. O artigo realizado na Arábia Saudita, verificou melhor desempenho entre profissionais treinados mais recentemente,[5] enquanto no Rio Grande do Sul, encontraram média de 87,4% de respostas corretas entre professores e funcionários previamente capacitados, além de elevada retenção do conhecimento após aproximadamente um ano. [7] Esses achados indicam que o treinamento e a atualização periódica podem contribuir de forma importante para o preparo dos profissionais da educação.

A educação em saúde constitui uma estratégia relevante para ampliar conhecimentos e desenvolver habilidades relacionadas aos primeiros socorros. No ambiente escolar, ações educativas podem auxiliar professores e funcionários a reconhecer situações de risco, compreender as medidas iniciais adequadas e identificar quando o atendimento especializado deve ser acionado.

A associação entre teoria e prática pode favorecer maior preparação para situações reais. Foi constatado inicialmente pouca segurança, baixa habilidade e conhecimento insuficiente entre funcionários escolares e desenvolveram uma ação educativa com exposição verbal, demonstrações e simulações.[9] Esses resultados reforçam a importância de capacitações que não se restrinjam apenas à transmissão de informações.

A atualização periódica também deve ser considerada. Há resultados de melhor conhecimento entre profissionais treinados recentemente,[5] a manutenção do conhecimento torna-se importante após a capacitação, para manter a qualidade nas ações prestadas.[7] No contexto brasileiro, essa necessidade encontra respaldo na Lei nº 13.722/2018, que prevê capacitação e reciclagem periódica dos profissionais escolares. [8]

Nesse cenário, a Enfermagem apresenta importante contribuição por meio da educação em saúde. O enfermeiro pode identificar necessidades de aprendizagem, planejar treinamentos, utilizar demonstrações e simulações e orientar a comunidade escolar sobre reconhecimento de emergências e prevenção de condutas inadequadas. É notório a grande

relevância dessa atuação para ampliação do preparo dos profissionais e fortalecimento para a segurança no ambiente escolar. [6,9]

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de escopo, desenvolvida conforme as recomendações metodológicas do Joanna Briggs Institute (JBI), modalidade de síntese adequada para mapear a extensão, as características e as lacunas das evidências disponíveis sobre determinado tema. A condução da revisão considerou as etapas de formulação da questão de pesquisa, definição dos critérios de elegibilidade, elaboração da estratégia de busca, identificação e seleção das fontes de evidência, extração dos dados e síntese dos resultados. Para garantir maior transparência na apresentação do processo de seleção dos estudos, foram consideradas as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR).[13,14]

A questão de pesquisa foi estruturada segundo a estratégia PCC, em que a população (P) correspondeu aos profissionais da educação, o conceito (C), ao conhecimento sobre primeiros socorros, e o contexto (C), ao ambiente escolar da Educação Básica. Dessa forma, estabeleceu-se a seguinte pergunta norteadora: o que a literatura científica evidencia sobre o nível de conhecimento dos profissionais da educação em primeiros socorros no ambiente escolar? Foram considerados profissionais da educação professores, gestores, coordenadores, auxiliares, monitores e demais funcionários que desenvolvessem suas atividades em instituições de Educação Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

Na etapa inicial da pesquisa, foram identificados 386 registros relacionados à temática investigada, constituindo a amostra inicial do estudo. Entre esses registros, encontravam-se publicações com datas compreendidas entre janeiro de 2020 e 2026. Ressalta-se que esse intervalo corresponde ao período de publicação observado entre os registros que compuseram a amostra inicial, não representando, necessariamente, o período de publicação dos estudos incluídos na amostra final. A partir dessa amostra inicial, foram realizadas as etapas de triagem e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, considerando-se estudos primários originais, quantitativos, qualitativos ou de métodos mistos, publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, que investigassem o conhecimento de profissionais da educação sobre primeiros socorros no contexto escolar. Também foram admitidos estudos que avaliassem o conhecimento associado à atitude, prática, percepção de preparo ou capacitação, desde que apresentassem resultados referentes ao conhecimento. Nos estudos com população mista,

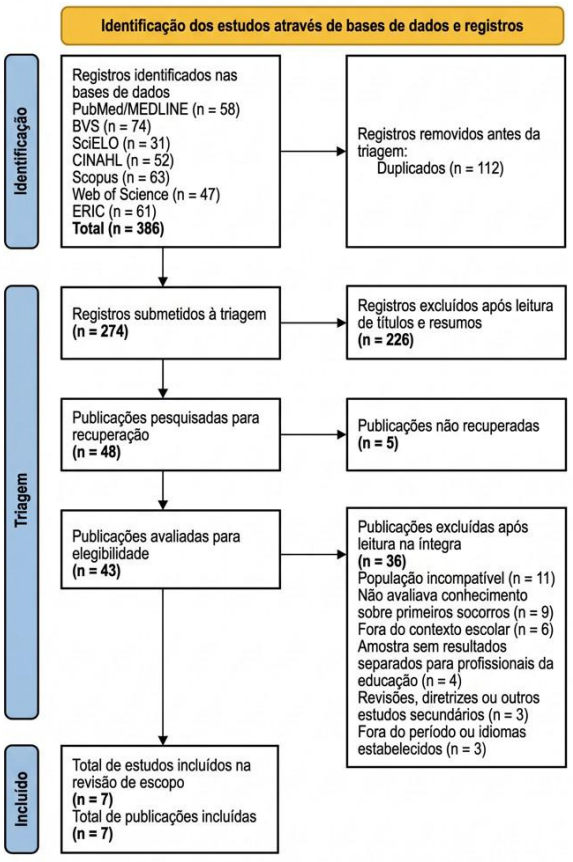
foram considerados apenas aqueles em que os resultados dos profissionais da educação pudessem ser identificados separadamente. Foram excluídos estudos realizados exclusivamente com estudantes, pais, responsáveis ou profissionais de saúde, pesquisas desenvolvidas fora do ambiente escolar e trabalhos que abordassem primeiros socorros sem avaliar o conhecimento dos profissionais da educação. Após a aplicação desses critérios e o refinamento dos registros, foram incluídos sete artigos na revisão de escopo.

As buscas foram realizadas nas bases PubMed/MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, CINAHL, Scopus, Web of Science e ERIC. Foram utilizados descritores controlados consultados nos vocabulários DeCS e MeSH, associados a termos livres relacionados a primeiros socorros, conhecimento, professores, profissionais da educação e ambiente escolar. Os termos foram combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, com adaptações conforme as particularidades de cada base. A busca identificou 386 registros, distribuídos entre PubMed/MEDLINE (n = 58), BVS (n = 74), SciELO (n = 31), CINAHL (n = 52), Scopus (n = 63), Web of Science (n = 47) e ERIC (n = 61).

Foram identificados 386 registros nas bases de dados consultadas. Após a identificação, 112 registros duplicados foram removidos, restando 274 registros para a etapa de triagem. A seleção foi realizada por duas autoras, de forma concomitante e manual, mediante a análise dos títulos e resumos dos registros. Os 274 registros foram distribuídos entre as duas autoras, de modo que cada uma realizasse a avaliação de uma parcela dos estudos, visando à divisão da demanda de trabalho. Após a análise individual, os resultados foram comparados e discutidos entre as autoras, a fim de verificar a concordância quanto à pertinência dos estudos e à aplicação dos critérios estabelecidos. Todo o processo de seleção foi realizado exclusivamente pelas autoras, sem utilização de ferramentas de inteligência artificial, aplicativos ou softwares de seleção automatizada. Nessa etapa, 226 registros foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos, resultando em 48 publicações buscadas para recuperação do texto completo. Cinco publicações não foram recuperadas, sendo 43 avaliadas integralmente quanto à elegibilidade. Após a leitura completa, 36 publicações foram excluídas, sendo 11 por apresentarem população incompatível, 9 por não avaliarem conhecimento sobre primeiros socorros, 6 por estarem fora do contexto escolar, 4 por apresentarem amostras sem resultados separados para os profissionais da educação, 3 por corresponderem a revisões, diretrizes ou outros estudos secundários e 3 por estarem fora do período ou dos idiomas estabelecidos. Ao final, sete estudos compuseram a revisão de escopo.

O processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão encontra-se representado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma de seleção das fontes de evidência



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os dados dos estudos incluídos foram extraídos por meio de instrumento padronizado elaborado para esta revisão. Foram registradas informações referentes a autor e ano, país, objetivo, delineamento, categoria dos profissionais avaliados, tamanho da amostra, nível de ensino e tipo de instituição, instrumento utilizado para mensuração do conhecimento, situações de primeiros socorros avaliadas, capacitação prévia, nível de conhecimento, percepção de preparo, fatores associados, intervenções educativas, quando existentes, principais resultados e lacunas apontadas pelos autores.

A análise ocorreu de forma descritiva, respeitando os critérios de mensuração utilizados em cada estudo. Foram considerados os escores e percentuais de acertos apresentados pelos autores, as situações específicas de primeiros socorros avaliadas, os fatores relacionados ao nível de conhecimento e os resultados referentes às capacitações. Os achados qualitativos foram organizados conforme aspectos relacionados à percepção de preparo, insegurança, dificuldades e necessidades de capacitação. Não foi estabelecido um ponto de

corte único para classificar o conhecimento como adequado ou inadequado, devido à heterogeneidade dos instrumentos empregados pelos estudos. Também não foi realizada metanálise nem avaliação formal do risco de viés, uma vez que a finalidade da revisão foi mapear e caracterizar as evidências disponíveis, e não estimar um efeito combinado das intervenções.

5 RESULTADOS

Os sete estudos finais incluídos no estudo foram publicados entre 2021 e 2024 e envolveram diferentes contextos nacionais e educacionais. Foram identificadas pesquisas realizadas no Brasil, Etiópia, Nepal e Arábia Saudita, contemplando professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, além de funcionários escolares de diferentes categorias. Os delineamentos também apresentaram diversidade, com estudos transversais, qualitativos, quase experimentais e pesquisas de intervenção e ação educativa.

Entre os estudos brasileiros, foram avaliados 45 professores de quatro instituições de Educação Infantil antes e após uma ação educativa sobre primeiros socorros.[6] Outro artigo investigou 72 profissionais, sendo 50 professores e 22 funcionários de 25 escolas, previamente capacitados em primeiros socorros.[7] Foi desenvolvido pesquisa qualitativa com 17 professores do Ensino Fundamental e Médio.[4] já em outro estudo, realizaram pesquisa-ação com 25 funcionários de uma escola de Ensino Fundamental. [9]

No cenário internacional, Etiópia, avaliaram 346 professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, considerando conhecimento, atitude e prática em primeiros socorros.[3] No Nepal, realizaram uma intervenção educativa envolvendo estudantes e professores, sendo 31 docentes incluídos na avaliação.[12] Na Arábia Saudita, apresentaram a maior amostra entre os estudos analisados, com 1.060 profissionais da educação.[5]

As principais características das pesquisas incluídas são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão de escopo

Autor/ano	País	Delineamento	População/ amostra	Contexto escolar	Forma de avaliação	Principais achados
6. Ilha *et al*. (2021)	Brasil	Quase experimental	45 professores	Educação Infantil, quatro escolas	Avaliação antes e após ação educativa	Houve aumento significativo do conhecimento após a intervenção,

						com acréscimo médio de 5,17 pontos
3. Workneh; Mekonen; Ali (2021)	Etiópia	Transversal	346 professores	Educação Infantil e Ensino Fundamental	Avaliação de conhecimento, atitude e prática	41,1% apresentaram bom conhecimento e 64,8% atitude favorável aos primeiros socorros
7. Antunes *et al.* (2022)	Brasil	Transversal, tipo *survey*	50 professores e 22 funcionários	25 escolas de Educação Básica	Avaliação do conhecimento após capacitação prévia	Média de 87,4% de respostas corretas, com elevada retenção do conhecimento
12. Dahal; Vaidya (2022)	Nepal	Intervencional, pré e pós-teste	152 participantes, sendo 31 professores	Ambiente escolar	Avaliação antes e após capacitação de dois dias	A média aumentou de 5,1 ± 1,56 para 8,01 ± 1,49 após a capacitação
4. Bezerra; Veras Filho; Magalhães (2023)	Brasil	Qualitativo	17 professores	Ensino Fundamental e Médio	Investigação do conhecimento e percepção de preparo	Foram identificadas fragilidades no conhecimento, insegurança e receio para agir
9. Silva *et al.* (2023)	Brasil	Pesquisa-ação	25 funcionários escolares	Ensino Fundamental	Avaliação inicial seguida de ação educativa	Foram identificados conhecimento insuficiente, pouca segurança e baixa habilidade antes da intervenção
5. Abdelrahman *et al.* (2024)	Arábia Saudita	Transversal	1.060 profissionais escolares	Diferentes níveis de ensino	Avaliação de conhecimento, atitude e prática	Escore médio de 21 em 35 pontos, com melhor conhecimento sobre engasgo e menor sobre convulsões

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os estudos incluídos empregaram diferentes formas de avaliação, o que evidencia heterogeneidade na mensuração do conhecimento sobre primeiros socorros. Algumas pesquisas utilizaram escores e percentuais de respostas corretas, enquanto outras avaliaram mudanças antes e depois de ações educativas ou investigaram qualitativamente a percepção de preparo, segurança e dificuldades relatadas pelos profissionais. Essa diversidade metodológica foi considerada na síntese dos resultados, respeitando os critérios adotados originalmente em cada estudo.

Os estudos revelaram diferenças importantes no nível de conhecimento dos profissionais da educação sobre primeiros socorros. Em algumas pesquisas, foram identificadas limitações expressivas, enquanto estudos realizados com profissionais previamente capacitados apresentaram resultados mais elevados. Essa variação esteve associada ao contexto investigado, à experiência prévia, à participação em treinamentos e ao tipo de emergência avaliada.

De acordo com artigo realizado no noroeste da Etiópia, ao investigarem 346 professores, verificaram que 41,1% apresentaram bom conhecimento sobre primeiros socorros. Apesar disso, 64,8% demonstraram atitude favorável em relação ao tema. Entre os profissionais que anteriormente haviam se deparado com uma criança necessitando de primeiros socorros, 85,8% relataram ter realizado algum tipo de atendimento. Também identificado uma associação entre o conhecimento e aspectos relacionados à experiência profissional, ao nível de ensino, ao tipo de instituição e ao contato anterior com informações sobre primeiros socorros.[3]

Resultados indicativos de dificuldades também foram encontrados no contexto brasileiro. Identificaram fragilidades no conhecimento dos professores investigados, acompanhadas de insegurança e receio diante da possibilidade de prestar os primeiros cuidados a um estudante.[4]

Em escolas localizadas no Rio de Janeiro, encontraram cenário semelhante entre funcionários escolares. Antes da realização da ação educativa, os participantes apresentaram conhecimento insuficiente, baixa segurança e limitações relacionadas às habilidades necessárias para lidar com situações de primeiros socorros.[9]

Um artigo realizado com 1.060 profissionais escolares, avaliou o escore médio de conhecimento foi de 21 pontos em um máximo possível de 35. O desempenho variou

conforme a emergência analisada, sendo observado maior conhecimento nas questões relacionadas ao engasgo e menor desempenho naquelas referentes às convulsões.[5]

Entre os profissionais previamente capacitados, foram observados níveis mais elevados de conhecimento. Foi relatado uma média de 87,4% de respostas corretas entre professores e funcionários que haviam participado de capacitação em primeiros socorros. Os melhores resultados foram registrados nas questões relacionadas à conduta da instituição diante de situações de urgência ou emergência, com 100% de acertos, e na identificação da obstrução das vias aéreas, com 98,6% de respostas corretas.[7]

Também foram avaliados conhecimentos relacionados a situações específicas, como obstrução das vias aéreas, reanimação cardiopulmonar, convulsões, fraturas e outras intercorrências. Incluíndo-se em sua avaliação diferentes conteúdos de primeiros socorros, entre eles conhecimentos referentes à reanimação cardiopulmonar e às fraturas, observando mudanças no desempenho após o treinamento.[12]

A participação anterior em atividades educativas destacou-se como um dos principais fatores relacionados ao conhecimento, constatando que apenas 33,4% das participantes haviam recebido treinamento anterior em primeiros socorros. Além disso, as profissionais cuja capacitação havia ocorrido nos dois anos anteriores apresentaram melhor conhecimento em comparação com aquelas treinadas há mais tempo.[5] Esses resultados, juntamente com outros achados indicam associação do desempenho positivo dos profissionais à capacitação prévia, atualização dos conhecimentos e aprimoramento de suas ações diante as avaliações realizadas.[7]

As intervenções educativas presentes nos estudos demonstraram resultados favoráveis sobre o conhecimento dos profissionais da educação. Diante um estudo realizado com 45 professores da Educação Infantil, identificaram melhora significativa após a realização de uma ação educativa sobre primeiros socorros. A comparação entre os momentos anterior e posterior à intervenção evidenciou acréscimo médio de 5,17 pontos na avaliação do conhecimento.[6]

Diante uma capacitação com duração de dois dias. A média obtida pelos participantes aumentou de 5,1 ± 1,56 no pré-teste para 8,01 ± 1,49 no pós-teste, apresentando diferença estatisticamente significativa. Os resultados evidenciaram aumento do conhecimento após a intervenção educativa e reforçaram o potencial dos treinamentos estruturados para modificar o desempenho dos participantes.[12]

Em uma avaliação distinta, profissionais que já haviam participado de capacitação, verificaram elevado percentual médio de acertos e manutenção importante dos conhecimentos aproximadamente um ano após o treinamento.[7]

No desenvolvimento de uma ação educativa, após identificarem pouca segurança, conhecimento insuficiente e limitações nas habilidades dos funcionários escolares participantes. A intervenção incluiu exposição verbal, demonstrações práticas e simulações, reunindo estratégias teóricas e práticas voltadas às situações que poderiam ocorrer no ambiente escolar.[9]

Além da melhora observada após os treinamentos, os estudos evidenciaram interesse dos próprios profissionais em ampliar seus conhecimentos. Foi verificado que 79,2% das participantes demonstravam disposição para realizar treinamento futuro e 85,5% consideravam necessitar de maior educação sobre primeiros socorros. O estudo também mostrou melhor desempenho entre profissionais que haviam recebido treinamento mais recentemente, indicando a relevância da atualização periódica.[5]

A insegurança e a percepção de preparo insuficiente também apareceram como aspectos recorrentes, dentre o receio, pouca segurança e pouca habilidade antes da intervenção dos professores diante da possibilidade de realizar os primeiros socorros.[4,9]

6 DISCUSSÃO

Os achados desta revisão de escopo demonstram que o conhecimento dos profissionais da educação sobre primeiros socorros no ambiente escolar apresenta-se de forma heterogênea. Entre os estudos incluídos, foram identificadas limitações relacionadas ao conhecimento, insegurança diante de situações emergenciais e diferenças no desempenho conforme o tipo de intercorrência avaliada. Por outro lado, pesquisas realizadas com profissionais previamente capacitados apresentaram resultados mais favoráveis, sugerindo que a participação em treinamentos pode exercer influência importante sobre o preparo para lidar com acidentes e agravos à saúde no espaço escolar.

Essa heterogeneidade pode ser observada ao comparar os resultados encontrados nos diferentes estudos. Uma investigação de abordagem transversal realizado na Etiópia verificou que apenas 41,1% dos professores avaliados apresentavam bom conhecimento sobre primeiros socorros, embora uma proporção maior demonstrasse atitude favorável em relação ao tema.[3] No contexto brasileiro, uma pesquisa de abordagem qualitativa também identificou fragilidades no conhecimento, associadas à insegurança e ao receio dos docentes diante da

possibilidade de prestar os primeiros cuidados a um estudante.[4] Em contraste, outro artigo transversal realizado no Brasil encontrou média de 87,4% de respostas corretas entre profissionais que haviam recebido capacitação prévia em primeiros socorros.[7] Essas diferenças indicam que o conhecimento não pode ser analisado de forma isolada, pois fatores relacionados à formação, às experiências anteriores e aos métodos empregados em cada investigação podem interferir nos resultados.

A presença de atitudes positivas também não significa necessariamente que exista conhecimento suficiente para uma atuação segura. Uma pesquisa transversal realizada na Etiópia identificou que a proporção de participantes com atitude favorável aos primeiros socorros foi superior àquela que apresentou bom conhecimento.[3] De modo semelhante uma pesquisa realizada na Arábia Saudita verificou elevado interesse por novas capacitações, apesar das limitações encontradas no desempenho dos participantes.[5] Esses achados sugerem que os profissionais reconheçam a importância dos primeiros socorros e demonstram disposição para aprender, mesmo não possuindo conhecimentos suficientes para enfrentar adequadamente determinadas situações.

Outro aspecto identificado foi a variação do conhecimento conforme o tipo de emergência. A mesma pesquisa da Arábia Saudita encontrou melhor desempenho nas questões relacionadas ao engasgo e menor conhecimento sobre episódios convulsivos.[5] Por sua vez, uma investigação transversal brasileira identificou 98,6% de respostas corretas na identificação da obstrução das vias aéreas entre profissionais previamente capacitados.[7] Esses resultados demonstram que os conhecimentos sobre primeiros socorros não devem ser tratados como um conjunto uniforme, uma vez que um mesmo profissional pode apresentar maior domínio sobre determinadas intercorrências e dificuldades significativas diante de outras.

Essa diferença assume relevância diante da variedade de situações que podem ocorrer no ambiente escolar. As recomendações atuais para primeiros socorros contemplam condições como hemorragias, síncope, crises convulsivas, anafilaxia, intoxicações, lesões traumáticas e emergências respiratórias, cada uma delas exigindo reconhecimento apropriado e medidas iniciais compatíveis com a situação.[1] No atendimento pediátrico, condições como obstrução das vias aéreas e parada cardiorrespiratória também apresentam particularidades que precisam ser consideradas, principalmente em razão das diferenças existentes entre lactentes e crianças quanto às técnicas empregadas no suporte básico de vida.[2]

Os resultados também precisam ser interpretados considerando as diferenças metodológicas entre os sete estudos incluídos. Foram encontrados delineamentos transversais, qualitativos, quase experimentais e pesquisas de intervenção, além de grande variação no tamanho das amostras e nas categorias profissionais analisadas. Os instrumentos utilizados para avaliar o conhecimento também não foram uniformes. Algumas pesquisas utilizaram escores e percentuais de acertos, enquanto outras investigaram qualitativamente a percepção de preparo, segurança e dificuldades relatadas pelos profissionais.

Essa diversidade limita a realização de comparações diretas entre os estudos e impede o estabelecimento de um único percentual capaz de representar o nível de conhecimento dos profissionais da educação. Um escore considerado satisfatório em determinado instrumento pode não corresponder aos critérios utilizados por outra pesquisa. Dessa forma, os resultados devem ser interpretados segundo os parâmetros adotados por cada estudo, valorizando-se principalmente os padrões identificados no conjunto das evidências, como a existência de lacunas, a influência da capacitação e as diferenças de conhecimento entre os tipos de emergência.

A capacitação destacou-se entre os principais fatores relacionados ao conhecimento dos profissionais da educação. Os estudos que realizaram intervenções educativas ou avaliaram profissionais previamente treinados apresentaram, de forma geral, resultados mais favoráveis. Esse achado reforça a importância de ações sistemáticas de formação para ampliar o conhecimento e favorecer maior preparo diante das emergências que podem ocorrer nas instituições de ensino.

Verifica-se aumento significativo do conhecimento entre professores da Educação Infantil após uma intervenção educativa sobre primeiros socorros, com acréscimo médio de 5,17 pontos entre as avaliações realizadas antes e após a atividade.[6] Resultado semelhante foi observado em artigo realizado em Katmandu-Nepal, que identificaram aumento da média de conhecimento de 5,1 ± 1,56 para 8,01 ± 1,49 após uma capacitação de dois dias.[12] Esses resultados demonstram que ações educativas estruturadas podem produzir mudanças mensuráveis no conhecimento dos participantes.

A importância da capacitação também foi evidenciada entre profissionais que haviam recebido treinamento anteriormente. Encontra-se um elevado percentual de respostas corretas e retenção importante dos conhecimentos aproximadamente um ano após a capacitação,[7] entretanto, em outro artigo, observaram melhor desempenho entre profissionais treinados nos dois anos anteriores em comparação com aqueles cuja capacitação havia ocorrido há mais

tempo.[5] Esse resultado sugere que, embora os benefícios do treinamento possam permanecer após sua realização, a atualização periódica é necessária para manutenção e reforço dos conhecimentos.

As estratégias utilizadas nas capacitações também merecem atenção. Pesquisadores brasileiros desenvolveram uma ação educativa composta por exposição verbal, demonstrações práticas e simulações após identificarem pouca segurança, baixa habilidade e conhecimento insuficiente entre os funcionários escolares avaliados.[9] A associação entre atividades teóricas e práticas pode ser particularmente relevante em primeiros socorros, pois determinadas situações exigem não apenas que o participante conheça conceitualmente a conduta adequada, mas que consiga reconhecer rapidamente a emergência e aplicar os conhecimentos diante de uma situação concreta.

A necessidade de capacitação periódica possui respaldo na legislação brasileira. A Lei nº 13.722/2018 estabelece a obrigatoriedade da capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários dos estabelecimentos de Educação Básica e de recreação infantil. A norma prevê que esses profissionais sejam preparados para identificar situações de urgência e emergência, prestar auxílio inicial e buscar atendimento especializado, além de estabelecer a realização periódica de capacitações e reciclagens.[8] Assim, o treinamento em primeiros socorros não representa apenas uma iniciativa individual, mas integra uma responsabilidade institucional relacionada à segurança da comunidade escolar.

Maior conhecimento pode contribuir para que os profissionais reconheçam precocemente sinais de gravidade, evitem práticas inadequadas e acionem os serviços especializados de forma mais oportuna. Entretanto, a responsabilidade pela resposta às emergências não deve ser atribuída exclusivamente aos professores ou demais funcionários. As instituições também precisam proporcionar capacitação, atualização dos conhecimentos, organização de fluxos de atendimento e articulação com os serviços de saúde.

Nesse sentido, a segurança no ambiente escolar depende de uma combinação entre preparo individual e organização institucional. A capacitação pode ampliar o conhecimento dos trabalhadores, mas seu efeito tende a ser mais consistente quando ocorre dentro de uma política permanente de prevenção, atualização e organização das respostas às situações de urgência.

A Enfermagem apresenta importante potencial de contribuição diante das necessidades identificadas nesta revisão. Além das competências assistenciais, o enfermeiro atua na promoção da saúde, prevenção de agravos e educação em saúde, podendo utilizar esses

conhecimentos para desenvolver ações direcionadas à comunidade escolar. Nesse contexto, a capacitação de professores e funcionários em primeiros socorros constitui uma possibilidade concreta de atuação profissional.

Observou-se que é destacado o papel educativo do enfermeiro ao demonstrarem melhora significativa do conhecimento dos professores após uma intervenção sobre primeiros socorros. Além disso, também evidenciam a utilização de estratégias educativas compostas por orientações, demonstrações e simulações, favorecendo a aproximação entre o conhecimento teórico e as situações que podem ser encontradas no ambiente escolar.[6] Esses resultados reforçam a possibilidade de participação da Enfermagem na elaboração e execução de programas educativos voltados às necessidades específicas dos profissionais da educação.

A atuação do enfermeiro pode iniciar pela identificação das principais lacunas de conhecimento existentes em cada instituição. A partir desse diagnóstico, as atividades educativas podem ser direcionadas aos conteúdos nos quais os profissionais apresentam maiores dificuldades, evitando capacitações genéricas que não considerem as necessidades reais do público. Os resultados demonstraram menor conhecimento relacionado às convulsões, enquanto outros estudos identificaram insegurança e dificuldades na percepção de preparo.[5] Essas informações podem orientar a escolha dos conteúdos e das estratégias educativas.

Além de transmitir informações, as capacitações podem incorporar atividades práticas e simulações. Essa abordagem permite trabalhar reconhecimento da emergência, tomada de decisão, aplicação das medidas iniciais e acionamento dos serviços especializados. Também possibilita identificar dúvidas e conhecimentos incorretos que poderiam levar a condutas inadequadas diante de uma situação real.

A Enfermagem pode ainda contribuir para fortalecer a articulação entre os setores de saúde e educação. A escola não deve ser compreendida como espaço isolado da rede de atenção à saúde, principalmente quando se considera a necessidade de prevenção de agravos e resposta adequada às urgências. A aproximação entre profissionais de saúde, gestores escolares, professores e funcionários pode favorecer a construção de fluxos de atendimento, definição de responsabilidades e realização periódica de atividades educativas.

A revisão também evidenciou lacunas na produção científica disponível. Observou-se predominância de pesquisas direcionadas aos professores, enquanto outros profissionais que também permanecem próximos aos estudantes, como auxiliares, monitores, gestores e funcionários de apoio, foram menos investigados. Essa limitação é relevante, pois uma

emergência pode ocorrer em diferentes espaços da escola e ser inicialmente presenciada por qualquer trabalhador da instituição.

Outra lacuna importante corresponde à heterogeneidade dos instrumentos empregados para avaliar o conhecimento. Os estudos utilizaram diferentes questionários, escores, critérios de classificação e formas de mensuração, dificultando comparações entre os resultados. A utilização de instrumentos validados e mais padronizados poderia ampliar a comparabilidade entre diferentes pesquisas e possibilitar uma compreensão mais consistente sobre o nível de conhecimento dos profissionais.

Também foram identificados poucos estudos com acompanhamento prolongado após as capacitações. Dois artigos se destacam, um nacional e outro internacional, Embora o do Brasil tenha demonstrado retenção do conhecimento aproximadamente um ano após o treinamento. O do Oriente Médio, relacionou treinamento mais recente à melhor desempenho,[7] ainda são necessárias investigações que acompanhem os profissionais por períodos maiores e avaliem quando ocorre redução significativa dos conhecimentos adquiridos.Além disso, parte importante das pesquisas concentrou-se no conhecimento teórico ou na percepção de preparo. Estudos futuros podem ampliar a avaliação das habilidades práticas por meio de simulações, cenários clínicos e demonstrações de procedimentos. Essa abordagem permitiria verificar não somente se o profissional sabe indicar a conduta correta em um questionário, mas também se consegue aplicá-la adequadamente diante de uma situação simulada.

No contexto brasileiro, apesar da existência de estudos relevantes e da Lei nº 13.722/2018, ainda existe espaço para pesquisas realizadas em diferentes regiões, redes de ensino e níveis educacionais. Investigações multicêntricas poderiam contribuir para compreender diferenças regionais e institucionais e identificar necessidades específicas de capacitação. Esse conhecimento poderá subsidiar intervenções mais direcionadas e fortalecer a participação da Enfermagem nas ações de promoção da saúde e segurança escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão de escopo permitiu mapear as evidências científicas sobre o conhecimento dos profissionais da educação em primeiros socorros no ambiente escolar. Os estudos evidenciaram níveis variados de conhecimento e lacunas relacionadas ao reconhecimento e à tomada de decisão diante de situações de emergência, com melhores resultados, em alguns casos, entre profissionais previamente capacitados. Engasgos e

obstruções das vias aéreas apresentaram maior domínio, enquanto crises convulsivas e outros conteúdos específicos mostraram maiores dificuldades, além de insegurança e percepção de preparo insuficiente entre parte dos participantes.

A capacitação destacou-se como fator associado à melhoria do conhecimento, reforçando a importância de ações educativas contínuas e de atualizações periódicas. Nesse contexto, a Enfermagem exerce papel relevante na educação em saúde da comunidade escolar, podendo identificar necessidades, desenvolver capacitações teórico-práticas e orientar profissionais quanto ao reconhecimento e aos cuidados iniciais em situações de urgência e emergência.

No que se refere às lacunas evidenciadas pela produção científica, destacam-se a ausência de padronização dos instrumentos, a limitada investigação de diferentes trabalhadores escolares e a reduzida avaliação de habilidades práticas e da retenção do conhecimento. Recomenda-se, portanto, a realização de novas pesquisas em diferentes contextos escolares brasileiros, com instrumentos padronizados, avaliação prática e acompanhamento pós-capacitação, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias educativas mais efetivas e para a segurança de crianças e adolescentes no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

1. Hewett Brumberg EK, Douma MJ, Alibertis K, Charlton NP, Goldman MP, Harper-Kirksey K, et al. 2024 American Heart Association and American Red Cross Guidelines for First Aid. Circulation [internet]. 2024;150(24):e519-e579. doi:10.1161/CIR.0000000000001281. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39540278/.

2. Joyner BL Jr, Dewan M, Bavare A, De Caen A, DiMaria K, Donofrio-Odmann J, et al. Part 6: Pediatric Basic Life Support: 2025 American Heart Association and American Academy of Pediatrics Guidelines for Cardiopulmonary Resuscitation and Emergency Cardiovascular Care. Circulation [internet]. 2025;152(Suppl 2):S424-S447. doi:10.1161/CIR.0000000000001370. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://www.ahajournals.org/doi/10.1161/CIR.0000000000001370.

3. Workneh BS, Mekonen EG, Ali MS. Determinants of knowledge, attitude, and practice towards first aid among kindergarten and elementary school teachers in Gondar city, Northwest Ethiopia. BMC Emerg Med [internet]. 2021;21:73. doi:10.1186/s12873-021-00468-6. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1186/s12873-021-00468-6.

4. Bezerra LFM, Veras Filho RN, Magalhães AHR. Conhecimento dos professores de uma escola pública acerca dos primeiros socorros. Res Soc Dev [internet]. 2023;12(3):e23712340778. doi:10.33448/rsd-v12i3.40778. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/40778.

5. Abdelrahman D, AleyEidi NA, Alqahtani HT, Aldosari FN, Al Shammari T, Alrusaini NK, et al. Assessment of knowledge, attitude, and practice toward first aid among female school educators in Riyadh, Saudi Arabia: a cross-sectional study. Front Public Health [internet]. 2024;12:e1482181. doi:10.3389/fpubh.2024.1482181. [acesso em

2026 set 3]. Disponível em: https://www.frontiersin.org/journals/public-health/articles/10.3389/fpubh.2024.1482181/full.

6. Ilha AG, Cogo SB, Ramos TK, Andolhe R, Badke MR, Colussi G. Ações educativas sobre primeiros socorros com professores da educação infantil: estudo quase-experimental. Rev Esc Enferm USP [internet]. 2021;55:e20210025. doi:10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0025. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rkj5nHyVVSTj7H4cJKXfD6c/.

7. Antunes AP, Cogo SB, Reisdorfer AP, Sari V, Ilha AG, Sehnem GD, et al. Conhecimento de professores e funcionários da Educação Básica sobre primeiros socorros em ambiente escolar. Rev Eletron Acervo Saude [internet]. 2022;15(11):e11224. doi:10.25248/reas.e11224.2022. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://doi.org/10.25248/reas.e11224.2022.

8. Brasil. Lei nº 13.722, de 4 de outubro de 2018. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil. [internet]. Brasília, DF: Presidência da República; 2018. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13722.htm.

9. Silva BR, Lima FRP, Elias EA, Cardoso FB. Conhecimento e abordagem de primeiros socorros em ambiente escolar: educação em saúde e enfermagem. Res Soc Dev [internet]. 2023;12(1):e10312139609. doi:10.33448/rsd-v12i1.39609. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/39609.

10. Alsulami M. First-Aid Knowledge and Attitudes of Schoolteachers in Saudi Arabia: A Systematic Review. Risk Manag Healthc Policy [internet]. 2023;16:769-777.

doi:10.2147/RMHP.S395534. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37144144/.

11. Hosapatna M, Bhat N, Belle J, Priyadarshini S, Ankolekar VH. Knowledge and Training of Primary School Teachers in First Aid: A Questionnaire Based Study. Kurume Med J [ineternet]. 2019;66(2):101-106. doi:10.2739/kurumemedj.MS662001. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/kurumemedj/66/2/66_MS662001/_article.

12. Dahal G, Vaidya P. Knowledge of first aid in school students and teachers. J Nepal Health Res Counc [internet]. 2022;20(1):96-101. doi:10.33314/jnhrc.v20i01.3886. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://jnhrc.com.np/index.php/jnhrc/article/view/1275.

13. Peters MDJ, Godfrey C, McInerney P, Munn Z, Tricco AC, Khalil H. Scoping reviews. In: Aromataris E, Lockwood C, Porritt K, Pilla B, Jordan Z, editors. JBI Manual for Evidence Synthesis [internet]. Adelaide: JBI; 2024. doi:10.46658/JBIMES-24-09. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://synthesismanual.jbi.global.

14. Tricco AC, Lillie E, Zarin W, O'Brien KK, Colquhoun H, Levac D, et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. Ann Intern Med [internet]. 2018;169(7):467-473. doi:10.7326/M18-0850. [acesso em 2026 set 3]. Disponível em: https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/M18-0850.